

Da *Revista do Brasil* ao Brasil em Revista:

**breve análise da trajetória
editorial de Oliveira Vianna**

***From the Revista do Brasil to a review of Brazil:
short analysis of Oliveira Vianna's editorial trajectory***

GISELLE MARTINS VENANCIO ¹
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO Busca-se, neste texto, investigar a relação entre Monteiro Lobato, editor, e Oliveira Vianna, autor, com vistas a compreender a consolidação da posição de Vianna no mercado editorial e no campo intelectual brasileiro na primeira metade do século XX.

Palavras-chave Oliveira Vianna - Revista do Brasil - Brasileira

ABSTRACT In this article, we seek to investigate the relationship between Monteiro Lobato, editor, and Oliveira Vianna, author, trying to understand the consolidation of Vianna's position in the editorial market, as well as in the Brazilian intellectual field during the first half of the XX century.

Key-words Oliveira Vianna - Revista do Brasil - Brasileira

¹ Doutora em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro sob orientação da prof^a Dr^a Andrea Daher.

*“Não imaginas como tua doença está me fazendo mal! Você é o grande orientador de que o Brasil precisa. Não há nenhuma vida hoje mais preciosa que a tua!”*²

Escrita por Monteiro Lobato a Oliveira Vianna nos primeiros anos da década de 20, essa carta pode surpreender aqueles que desconhecem o fato de ter sido Lobato o primeiro editor de Vianna. Este documento pode também admirar aqueles que se acostumaram a ver Lobato como um “*editor revolucionário*”³, definido assim por ele mesmo, e Vianna como um pensador autoritário, conservador e retrógado. Afinal, se eram opostos, como se pode pensar em algum relacionamento entre eles?

Lobato foi visto por alguns como um visionário, uma pessoa a frente de seu tempo, responsável por uma das maiores transformações ocorridas no mercado editorial brasileiro no início do século XX. Ele chegou a ser descrito nas palavras de um amigo, como um homem que “*(...) pertenciam a essa rara família de profetas e poetas que condensam, de súbito, para um momento e um povo, a sua própria essência espiritual*”⁴. Vianna, ao contrário, foi até considerado um “*retardatário, incapaz de acompanhar o que se fazia em outros países*”⁵ e no Brasil.

Nada parece mais diferente e oposta do que a vida desses dois “homens de letras” que viveram a mesma época⁶ mas que trilham caminhos divergentes. A visão que se tem desses dois intelectuais obedece, muitas vezes, a estereótipos, modelos pré-estabelecidos que, sem dúvida, não constituem uma boa via de análise para os estudos históricos. Essas representações acabam por restringir histórias de vidas muito mais ricas. Na visão de Bourdieu, o mundo social “*(...) tende a identificar a normalidade como a identidade entendida como a constância em si mesmo de um ser previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída*”. Para isso, “*(...) dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu*”⁷.

Ao contrário do que apontam as aparências e, apesar das diferenças em suas trajetórias, Vianna e Lobato tiveram vários pontos de convergência. Lucia Lippi chega a afirmar que, no fim dos anos 10, houve entre eles uma “*confluência de interesses e perspectivas*”, o que, talvez,

2 Carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna. Arquivo pessoal de Oliveira Vianna. Correspondência pessoal (pasta Monteiro Lobato). A correspondência está sem data mas podemos saber que trata-se de uma carta escrita entre 1922 e 1924 pois consta o endereço que Lobato ocupava nesta época: Rua Gusmões, 70, São Paulo.

3 Monteiro Lobato. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo, Brasiliense, 1959, vol. 1, p. 252

4 Anísio Teixeira, *A Tarde*, 06 de julho de 1948, apud Edgar Cavalheiro, *Monteiro Lobato. Vida e obra*. São Paulo, Nacional, 1956, (2 tomos), p. 353

5 Dante Moreira Leite, *O caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo, Pioneira, 1976 (3ª ed.), p. 220

6 Lobato nasceu em 1882 e morreu em 1948. Vianna nasceu em 1883 e morreu em 1951.

7 Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica” in: Marieta Moraes Ferreira e Janaina Amado. *Uso e abuso da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 186.

os tenha aproximado. Segundo ela⁸, entre Lobato e Vianna ocorreu uma "(...) *confluência de objeto (o homem rural brasileiro), de explicações (o racismo, a mestiçagem, a psicologia coletiva) e de preocupações (como esculpir um país com esta matéria prima)*".

Esse é um dos caminhos possíveis para se compreender a relação que existiu entre eles e de que forma ela contribuiu para as suas práticas intelectuais individuais. Sabe-se que foi na Revista do Brasil que esta relação começou pois é bastante conhecido o fato de Vianna haver colaborado com este periódico. Sabe-se ainda que Lobato foi o primeiro a publicar *Populações Meridionais do Brasil* e que entre 1920 e 1940, vários textos de Oliveira Vianna foram editados ou reeditados por Lobato. Seguindo a via aberta por essa proposta, busca-se, neste texto, investigar a relação entre Monteiro Lobato, editor, e Oliveira Vianna, autor, com vistas a compreender a consolidação da posição de Vianna no mercado editorial e no campo intelectual brasileiro nos anos 20 e 30⁹.

Oliveira Vianna na Revista do Brasil

Num raro depoimento autobiográfico, Vianna afirma que foi a partir de sua atuação como colaborador de grandes jornais que as portas do mundo editorial e, mais especificamente, das editoras paulistas se abriram para ele:

*"Das colunas d'O Paiz me chamaram os paulistas: Pinheiro Junior¹⁰ e Plínio Barreto¹¹ — para a Revista do Brasil; e, depois Monteiro Lobato — para a grande publicidade dos livros (pois devo a Lobato a primeira edição das Populações Meridionais). Foram estes os espíritos generosos e desinteressados, os gênios bons e benfazejos que assistiram aos meus começos literários."*¹²

8 Lucia Lippi. "Uma leitura das leituras de Oliveira Vianna" in: João Quartim de Moraes e Élide Rugai Bastos (orgs). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas, Unicamp, 1993, p. 242

9 Este texto é parte da pesquisa que venho realizando para a elaboração de minha tese de doutorado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro e que tem como objeto a análise do arquivo privado e da biblioteca pessoal de Francisco José de Oliveira Vianna.

10 José Machado Pinheiro Junior era bacharel em Direito, diplomado pela faculdade do Largo de São Francisco. Ele trabalhou como redator do O Estado de São Paulo ininterruptamente de 1909 a 1944. Redigiu entre 1918-1939 as seções Coisas da Cidade (diária) e Revista das Revistas (semanal). Ver: Luis Correia de Melo. *Dicionário dos Autores Paulistas*. São Paulo, Comissão do Centenário da cidade de São Paulo, 1954, p. 476 e Tania de Luca. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)Ação*. São Paulo, USP, 1996 (tese de doutorado). p. 27

11 Plínio Barreto foi jornalista e trabalhou 34 anos no jornal O Estado de São Paulo, onde entrou como revisor em 1886, quando ainda era estudante de direito. Posteriormente passou a redação tendo sido: repórter, redator, redator-chefe e diretor. Foi ainda presidente da Ordem dos Advogados de São Paulo e deputado federal pela UDN. Ver: Péricles da Silva Pinheiro. "Plínio Barreto: jornalista, advogado e político". Suplemento do Centenário. *O Estado de São Paulo*. 26/07/1975, p. 01-04; Luis Corrêa de Melo. *op. cit.* p. 85-86 e Tania de Luca. *op. cit.* p. 27

12 João Batista de Vasconcelos Torres. Oliveira Vianna, sua vida e sua posição nos estudos brasileiros de sociologia. Rio de Janeiro/ São Paulo, 1956. p. 38

O convite para escrever na *Revista do Brasil* partiu, na verdade, de Plínio Barreto "(...) a quem coube recrutar o corpo de colaboradores do novo periódico (...)">¹³ através do contato com figuras expressivas da intelectualidade para informá-las a respeito da nova publicação. Foi através de Nereu Rangel Pestana, seu colega na redação de *O Estado de São Paulo* que Plínio Barreto enviou cartas informando sobre a nova revista e solicitando a colaboração de Olavo Bilac, Graça Aranha, Alcides Maya, Alfredo Valadão, João Kopke, Félix Pacheco, José Verfssimo, Nestor Victor, Roquette Pinto, Oliveira Vianna, João Ribeiro, Assis Brasil, Oliveira Lima, Silvio de Almeida, Basílio de Magalhães, Valdomiro Silveira e Medeiros e Albuquerque¹⁴.

A *Revista do Brasil*, periódico que surgia neste momento, havia sido idealizada pelo chamado grupo d'O Estado de São Paulo, formado por Julio de Mesquita, Plínio Barreto, Pinheiro Junior e Alfredo Pujol. Estimulados pela grande efervescência nacionalista, desenvolvida durante o período da Primeira Grande Guerra, esses homens começaram a advogar a necessidade urgente de se conhecer melhor o país para arrolar as suas necessidades mais prementes e organizar uma ação de saneamento dos males nacionais. Condenando a política brasileira que, segundo eles, era expressão de uma oligarquia que fraudava as eleições e limitava a expressão da vontade popular e o estabelecimento da democracia, o grupo d'O Estado, como se auto-denominavam, se propôs a criar um periódico destinado a provocar o debate e a promover o conhecimento da "realidade nacional". A revista, que num primeiro projeto se chamaria *Cultura*, foi publicada pela primeira vez em 25 de janeiro de 1916, data do aniversário de fundação de São Paulo, e, mais de acordo com o clima nacionalista, recebeu o nome de *Revista do Brasil*.

Aceitando o convite feito por Plínio Barreto para participar da *Revista*, Oliveira Vianna, autor ainda inédito em livros, viria a figurar entre importantes intelectuais brasileiros¹⁵ e participar de um projeto que tinha como objetivo principal, "*construir um núcleo de propaganda nacionalista (...) que erigia como problema primordial do país a ausência de consciência nacional capaz de transformá-lo num todo organicamente estruturado*"¹⁶. De acordo com o manifesto-programa divulgado no texto de Julio de Mesquita¹⁷, publicado no primeiro número da revista, este periódico pretendia diminuir o "*profundo desconhecimento das coisas naci-*

13 Tania Regina de Luca. *op. cit.* p. 36

14 Tania Regina de Luca. *op. cit.* p. 36-37

15 Ver: Péricles da Silva Pinheiro. Suplemento do centenário n. 30. *O Estado de São Paulo*. 26.07.1975. citado por Tania de Luca. *op. cit.* p. 37

16 Tania de Luca. *op. cit.* p. 42

17 Esse texto não aparece assinado mas Tania de Luca assinala que Wilson Martins, no livro *História da Intelligência Brasileira*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978, vol. 6, p. 38, afirma que ele é de autoria de Julio de Mesquita. Ver: Tania de Luca, *op. cit.* p. 41

onais” em que estavam mergulhados os brasileiros e incutir no povo “(...) a consciência do próprio valor, estabelecer uma “corrente de idéias e pensamentos” (...) a fim de combater o seu “estado mórbido” e equipará-lo “às raças adultas, emancipadas e sadias”¹⁸. A revista previa, nas palavras de Tania de Luca, não só a elaboração de um diagnóstico da Nação, mas também um projeto de ação concebido por um grupo que “(...) se considerava capaz de colocar o país no rumo certo”¹⁹.

A Revista do Brasil, concebida nestes termos, teve vida longa. Entretanto sua publicação não foi contínua e ininterrupta. Os seus estudiosos apontam para a existência de cinco fases distintas em sua publicação²⁰.

A primeira delas, correspondente ao período compreendido entre 1916 e 1925, compõe-se de 113 números publicados. Ela teve fim quando, com a falência de Monteiro Lobato, sua chancela foi adquirida por Assis Chateaubriand.

A segunda, totalizando 9 números, refere-se ao período entre os anos 1926 e 1927. Essa fase durou pouco mais de quatro meses, momento em que a publicação do periódico foi dirigida por Plínio Barreto, Afrânio Peixoto, Alfredo Pujol e Pandiá Calógeras. A direção editorial neste período foi dada pelo redator-chefe, Rodrigo de Mello Franco de Andrade e pelo secretário *ad hoc*, Prudente de Moraes, que alinharam a revista aos periódicos modernistas da época, como Terra Roxa e A Revista e dedicaram a produção artística e a crítica literária a maior parte do espaço da revista.

A terceira fase teve início quando, no ano de 1938, Assis Chateaubriand relançou a Revista do Brasil colocando Otávio Tarquínio de Souza em sua direção. Essa fase durou até o ano de 1943 e compôs-se de 56 números. Neste período vislumbra-se um esforço para se resgatar algumas características da primeira fase da revista. Segundo Tania de Luca,

“A capa voltou a ser praticamente idêntica à dos primeiros anos, ostentando a afirmação “fundada em 1916”. A diversidade dos assuntos, a preocupação com os problemas nacionais, encarados de uma perspectiva ampla, voltaram a ser a tônica e até mesmo certas seções da primeira fase ressurgiram”²¹.

18 Tania de Luca. *op. cit.* p. 42

19 Tania de Luca. *op. cit.* p. 43

20 Sobre as diversas fases da Revista ver, além do já citado estudo de Tania de Luca, Marilda A. Baleeiro Ikeda. *Revista do Brasil — 2ª fase. Contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. São Paulo, FFLCH-USP, 1975 (dissertação de mestrado); Marta Livia Orlof. *Revista do Brasil e a formação de uma consciência nacional (1922-1925)*. FFLCH-USP, 1980 (dissertação de mestrado); Denise Paiva. *As categorias da literatura brasileira na Revista do Brasil (1916-1919)*. FCL-Assis, Unesp, 1992 (dissertação de mestrado) e Mário Camarinha Silva. “A Revista do Brasil: de Monteiro Lobato a Chateaubriand” *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. 349: 61-73, out.-dez. 1985

21 Tania de Luca. *op. cit.* p. 23

REVISTA DO BRASIL

SUMÁRIO

REDAÇÃO	Revista do Brasil	1
PEDRO LESSA	O preconceito das reformas constitucionaes	6
ADOLFO PINTO	O Centenario da Independencia	12
L. P. BARRETO	O ultimo passo da cirurgia	19
ALBERTO DE OLIVEIRA	A rima e o rythmo	24
AMDEU AMARAL	O elogio da mediocridade	31
VILDOMIRO SILVEIRA	Desespero de Amor	36
JOSÉ VERISSIMO	O modernismo	43
VICTOR DA SILVA FERRE	Factos e idéas	53
COLLABORADORES	Resenha do mes	64

(Continua na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 1 ANNO I

VOL I

JANEIRO 1916

IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO
HELENA DA BOA VISTA, S.R.L.
S. PAULO - BRAS.

A quarta fase refere-se ao ano de 1944 quando, sob a direção de Frederico Chateaubriand e tendo Millor Fernandes como secretário, foram publicados três números da Revista. Depois de passar por modificações gráficas, a revista tornou-se semelhante a americana Seleções no seu formato e passou a ter um conteúdo mais leve e humorístico.

A última fase diz respeito a um breve ressurgimento da revista, com alguns números esporádicos, publicados entre 1984 e 1990.

Durante a primeira fase, quando esteve sob o comando de Plínio Barreto e Pinheiro Junior, a revista manteve uma certa uniformidade percebido em todos os seus 113 números.

Nesta fase, o maior espaço da capa era destinado ao sumário, onde se podia ler o título dos artigos e os nomes de seus autores. Tania de

Luca considera que essa escolha se devia ao fato de que "(...) *nada poderia expressar melhor os objetivos do periódico e revelar sua natureza do que o sumário que estampava as grandes questões nacionais, debatidas pelos maiores expoentes da inteligência nacional*"²². O sumário na capa revelava o conteúdo da revista expressando a qualidade dos artigos publicados.

Entretanto, se é verdade que a revista dedicava-se à discussão das "grandes questões nacionais", é também verídico que ela abria as suas páginas a textos de caráter poético e literário que, muitas vezes, tinham características mais líricas que históricas ou sociológicas. Além disso, ao lado dos "maiores expoentes da inteligência nacional", que apresentavam-se no sumário seguidos de inscrições que os relacionava à Academia Brasileira de Letras ou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, figuravam também autores iniciantes e desconhecidos, orgulhando-se inclusive os editores da revista de utilizarem suas páginas para o lançamento de novos talentos. É importante frisar que, além do próprio nome e da inscrição citada relacionando os autores à importantes instituições do campo intelectual, não havia nenhum outro tipo de apresentação dos colaboradores. Isso nos leva a supor que se a referência a autores conhecidos garantia a qualidade da publicação, por outro lado, a participação no periódico contribuía para criar a notoriedade de alguns autores menos conhecidos.

A permanência do sumário na capa da revista pode, assim, ser analisada também a partir de uma outra consideração: a relação entre a identidade dos autores dos textos — se conhecidos ou não — e o período de publicação da revista. Se, no momento de lançamento do periódico, o destaque dado a qualidade dos autores era necessário para garantir a notoriedade da publicação - pois a presença de nomes (re)conhecidos garantiria a venda da revista e permitiria aos editores o risco de publicar autores menos conhecidos do público leitor -, com o passar do tempo, essa marca editorial colaborou para a criação de uma identidade da revista e para o fortalecimento de sua legitimidade no campo intelectual. Desta forma, a presença dos autores e dos títulos dos textos na capa da revista, embora contribuísse para a valorização da qualidade do próprio periódico, trazia também benefícios aos próprios autores que ganhavam maior importância intelectual pelo fato de estarem listados no sumário da capa da Revista do Brasil²³.

Dessa forma, nos anos 20 e 30, escrever para a Revista do Brasil tornou-se o sonho de muitos intelectuais visto que esse periódico havia

22 Tania de Luca. *op. cit.* p. 43

23 A análise, aqui apresentada, das características editoriais da Revista do Brasil foram inspiradas pela leitura do texto de Gérard Noiriel, "L'Univers Historique" : une collection d'histoire à travers son paratexte (1970-1993)" *Genèses* 18, janvier 1995. pp. 110-131

se tornado uma das mais importantes publicações do país. Seu objetivo de fazer uma fotografia completa do Brasil através da colaboração de vários escritores, conhecidos ou não, promoveu o sucesso editorial da revista fazendo com que ela contasse com a colaboração de intelectuais de diversos matizes, desde os grandes nomes da chamada “geração de 1870”, passando pelos intelectuais católicos, pelos pensadores autoritários e pelos modernistas.

Ao longo de toda a sua primeira fase de publicação, a distribuição dos artigos na Revista do Brasil seguiu o mesmo padrão: primeiro um conjunto de ensaios inéditos que abordavam assuntos variados como história, geografia, sociologia, política, sanitarismo, medicina, etc. Em seguida, alguns textos literários — contos, poesias, novelas ou romances, publicados em capítulos²⁴ — e, após estes textos, as seções fixas: a Resenha do Mês, Variedades e Curiosidades, Notas de Ciências, Debates e Pesquisas e Notas do Exterior, entre outras²⁵.

A revista publicava ainda uma significativa quantidade de material iconográfico que ilustravam artigos e ensaios ou que constituíam-se em seções específicas como as Caricaturas do Mês, a de Gravuras Antigas e a Galeria dos Editados²⁶.

Em 1917, ao receber o convite para participar do corpo de colaboradores da Revista do Brasil, Oliveira Vianna pondera que embora estivesse “(...)absolutamente proibido de escrever por dois ou três meses (...)”²⁷ por problemas de saúde, ele enviaria a Plínio Barreto,

*“para o agasalho de sua hospitaleira revista trabalhos que interessam principalmente à origem da gente paulista e a sua ação no jogo da nossa história geral”*²⁸.

Três meses após ter aceito o convite de Plínio Barreto, no número de junho de 1917, saía a primeira colaboração de Oliveira Vianna na Revista do Brasil. O texto intitulado *Populações meridionais do Brasil* tratava das populações rurais e possuía o mesmo nome do que viria a ser, algum tempo depois, o seu primeiro livro.

24 A Revista do Brasil publicou os romances *Vida Ociosa* de Godofredo Rangel (entre os números 17-25), *País de Ouro e Esmeralda*, de J. A. Nogueira (entre os números 36-57) e o *Diário de Viagens* de Martim Francisco (entre os números 32-42). Tania de Luca. *op. cit.* p. 44

25 Vale considerar que ao longo do período em que a revista foi editada, algumas novas seções foram criadas, outras suprimidas e outras ainda modificadas, mas, como considera Tania de Luca, a maior parte das seções citadas permaneceu estável ao longo da primeira fase da revista.

26 Para uma leitura mais aprofundada das seções iconográficas da Revista do Brasil, ver: Tania de Luca. *op. cit.* pp. 44-50

27 carta de Oliveira Vianna a Plínio Barreto, de Friburgo, datada de 31 de março de 1917. Citada por Péricles da Silva Pinheiro. “Plínio Barreto: jornalista, advogado e político”. Suplemento do Centenário, n. 30. *O Estado de São Paulo*. 26 de julho de 1975. p. 01-04

28 carta de Oliveira Vianna a Plínio Barreto, 31.03.1917. Ver: Péricles da Silva Pinheiro. Suplemento do centenário n. 30. *O Estado de São Paulo*. 26.07.1975. citado por Tania de Luca. *op. cit.* p 37

A colaboração de Vianna na Revista ao longo de 1917 foi bastante freqüente. Após esse primeiro texto, ele publicou *Populações meridionais do Brasil (II)*, no número de agosto, e dois outros artigos intitulados *Psicologia das revoluções meridionais*, editados nos números de novembro e dezembro. Essa intensa participação fez com que Vianna se tornasse um dos maiores colaboradores da revista ao longo de 1917. Ele contribuiu com quatro artigos, ficando empatado com Monteiro Lobato e Medeiros e Albuquerque e atrás apenas de Godofredo Rangel que publicava, ao longo deste ano, seu romance *Vida ociosa* em capítulos mensais.

A participação de Oliveira Vianna na Revista do Brasil aliás, não foi sistemática somente neste ano de 1917. Ao longo de toda a primeira fase de publicação da revista, Vianna participou com repetidas colaborações. Do ponto de vista quantitativo, podemos afirmar que essa foi uma das mais marcantes colaborações da revista nesta sua primeira fase, fazendo com que Vianna ocupasse, ao lado de Roquette Pinto e Godofredo Rangel, a quinta colocação entre os autores mais publicados no periódico. Apenas de Monteiro Lobato, com 40 artigos publicados, Arthur Motta, com 25, Amadeu Amaral e Mário de Andrade, com 13 e Júlio César da Silva e Medeiros e Albuquerque, com 12, tiveram uma colaboração maior que a de Vianna.

Nem mesmo a venda da revista, em 1918, interrompeu a sistemática participação de Vianna no periódico. Ao contrário, no momento em que Monteiro Lobato adquiriu a revista os laços entre esses dois intelectuais estreitaram-se ainda mais e a colaboração de Vianna permaneceu freqüente²⁹.

A venda da Revista do Brasil, neste momento, a Monteiro Lobato explica-se em função dos grandes prejuízos financeiros acumulados apelo periódico, apesar de seu prestígio intelectual.

As dificuldades financeiras fizeram com que Lobato, que possuía uma antiga relação com a Revista do Brasil, alentasse o sonho de adquiri-la. Ele que havia estreado como colaborador no terceiro número do periódico com o conto "A vingança do peroba"³⁰ visava, neste momento, controlar a revista como já havia explicitado anteriormente em carta ao seu amigo Godofredo Rangel:

29 A partir de 1918, a colaboração de Oliveira Vianna na Revista do Brasil inclui os seguintes textos: "As pequenas comunidades mineiras". *Revista do Brasil*, n. 31, vol. VIII, julho de 1918, pp. 219-233; "Origens pastoris da democracia rio-grandense". *Revista do Brasil*, n. 75, março de 1922, pp. 259; "O idealismo na evolução política do Império e da República" *Revista do Brasil*, n. 81, vol. XXI, set. 1922, pp. 46; "Carta a Hilário Freire" *Revista do Brasil*, n. 95, vol. XXV, nov. 1923, pp. 226; "Oscilações da taxa de fecundidade durante o ciclo bandeirante". *Revista do Brasil*, n. 111, vol. XXVIII, março de 1925, pp. 198;

30 Pedro Rodolfo Bodê de Moraes. "De Monteiro Lobato & cia à Companhia Editora Nacional: interesses individuais e construção do sentimento de brasilidade". *Fidalgos do café e livros no Brasil: Monteiro Lobato e a criação das editoras nacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, 1995 (dissertação de mestrado), p. 60

*"Lá pela Revista do Brasil tramam coisas e esperam a deliberação dos acionistas. Querem que eu substitua o Plínio na direção; mas minha idéia é substituir-me à assembléia, comprando aquilo. Revista sem comando único não vai."*³¹

Assim, em junho de 1918³², Monteiro Lobato adquiriu a revista tornando-se seu único dono. Imediatamente após a compra, Lobato iniciou o processo de reorganização da empresa com vistas a torná-la rentável: ampliou o espaço dedicado a criação literária com vistas a tornar a revista mais leve, solicitou colaboração dos leitores, desenvolveu a propaganda visando aumentar o número de assinantes, modernizou o sistema de distribuição enviando uma circular aos agentes de correio pedindo o endereço de estabelecimentos comerciais de quaisquer tipo que pudessem vender as suas revistas. Dessa forma, Lobato multiplicou os pontos de venda e ampliou o número de assinantes o que acabou resultando em compensações financeiras. O sucesso nos negócios, levava Lobato a sonhar mais alto e a escrever a Godofredo Rangel: *"Tenho esperanças de que desta brincadeira de Revista do Brasil me saia uma boa casa editora"*³³.

A editora surgiria assim como uma atividade subsidiária da Revista do Brasil e Lobato utilizaria as páginas do periódico para fazer propaganda, resenhar, publicar a biografia dos autores lançados pela editora.

Durante os anos 20 quando os livros de Oliveira Vianna passaram a ser editados pela editora Revista do Brasil, seu nome tornou-se ainda mais constante no periódico através dos diversos artigos e resenhas que avaliavam a sua produção, ocupando um espaço considerável na revista antes mesmo de adquirir maior visibilidade no meio intelectual. Assim, cada vez mais Vianna tornava-se presente na Revista do Brasil através de textos de autoria de outras pessoas que tratavam diretamente de seus livros³⁴. A revista destacava com freqüência a obras de Vianna nas propagandas da editora, resenhava-as na seção Bibliografia e transcrevia os comentários que elas suscitavam na imprensa brasileira.

Nesse sentido, em abril de 1921, Bruno Ferraz publica uma *Resenha de Populações meridionais do Brasil*, no número 61; em junho de 1922 a

31 Monteiro Lobato. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950. p. 365

32 Segundo informação dada por Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sachetta, no livro *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, a revista foi adquirida por cinco contos de réis. Dizem eles: "(...) [Monteiro Lobato] resolve concretizar a compra, efetivada em junho de 1918 através da escritura passada no 1º Tabelionato da capital, de Filinto Lopes. Por cinco contos de réis Lobato adquiriu o seu ativo — incluindo móveis, o estoque de exemplares e o título, avaliados em torno de três contos-, além de um passivo que girava por volta de dezessete contos"(p. 120) . Entretanto, Alice Mitika Koshiyama, no livro *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*, afirma que o montante da venda chegou a dez contos de réis: "Monteiro Lobato editor começou comprando, por dez contos, a propriedade da Revista do Brasil. Ela apresentava um balanço deficitário, tendo no ano findo acusado um passivo de dezesseis contos para um ativo de apenas três"(p. 68).

33 Monteiro Lobato. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950. vol. II, p. 186

34 Tania de Luca. *op. cit.* p. 203

seção *Bibliografia* publica uma *Resenha de Pequenos estudos de psicologia social de Oliveira Vianna* e, em setembro de 1923, Agripino Grieco escreve um artigo também sobre *Populações meridionais*.

A partir do ano de 1920, a editora, que havia surgido como uma atividade secundária, vai cada vez mais absorvendo o trabalho de Lobato levando-o a escrever a Godofredo Rangel, em 1924: “entreguei a revista ao Paulo Prado e ao Sérgio Milliet e não mexo mais naquilo”³⁵. Entretanto, a Revista do Brasil ficaria sob sua propriedade até maio de 1925 e, a julgar pela carta escrita a Oliveira Vianna, em 1932, permaneceria por longo tempo incluída em seus projetos intelectuais. Escreve Lobato:

“Meu caro Vianna

Entre as muitas maluquices que estou fazendo, (...) mais uma está prestes: a ressurreição da Revista do Brasil. Deu-me saudades da coitada, além de que não posso passar sem um órgão de expressão de idéias onde eu mande e desmande.

Adeus. (...)

Adeus

Do Lobato”

Mas este seria mais um dos muitos projetos frustrados de Lobato, como se pode verificar pelo registro que ele faz em carta para Vianna datada de 8 de maio de 1932: “Vianna: Não consegui reaver o título da Revista, que havíamos vendido ao Assis Chateaubriand (...)”³⁶.

Nos anos 30, a Revista do Brasil só voltaria a ser publicada em 1938 sob o controle ainda de Assis Chateaubriand que entregou a direção do periódico ao historiador Otávio Tarquínio de Souza. Lobato escreveria mais uma vez a Vianna dizendo que tentaria publicar a revista com o nome de Revista Brasileira num desejo de reeditar o nome do periódico organizado, no final do século XIX, pelo grupo que havia criado a Academia Brasileira de Letras. Tentativas inúteis. A revista não mais pertenceria a ele. Mas, por outro lado, este período já havia cumprido o papel de impulsionar sua atividade de editor.

Lobato Editor de Vianna

Monteiro Lobato foi o primeiro editor de Oliveira Vianna. Foi através da “Edições da Revista do Brasil” que Oliveira Vianna publicou, em 1920, seu livro de estréia, *Populações Meridionais do Brasil*.

35 Tania de Luca. *op. cit.* p. 73

36 carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna, datada de 08 de março de 1932. Arquivo privado de Oliveira Vianna.

A casa editorial "Edições da Revista do Brasil", de propriedade de Monteiro Lobato, havia começado a funcionar em 1918, com a publicação de *Urupês*, livro do próprio Lobato impresso na seção de obras do jornal *O Estado de São Paulo* e que viria a ter ainda, neste mesmo ano, uma segunda edição.

O sucesso desta primeira experiência editorial alimentou em Lobato o sonho de publicar novos textos e, ao contrário do que era comum entre os editores da época, novos autores.

Francisco José de Oliveira Vianna foi um dos novos autores lançados pela editora. Em julho de 1919, Monteiro Lobato e Oliveira Vianna assinaram um contrato que transferia a *Revista do Brasil*, os direitos de publicação do livro *Populações Meridionais do Brasil* sob os seguintes termos:

"Francisco José de Oliveira Vianna, morador em Niterói Estado do Rio de Janeiro, transfere a Revista do Brasil, empresa editora com sede em São Paulo, representada pelo seu diretor proprietário J. B. Monteiro Lobato, os direitos de publicação do livro Populações Meridionais do Brasil, mediante as seguintes cláusulas:

1) A Revista do Brasil obriga-se a) imprimir o livro correndo por sua conta todas as despesas; b) dar a primeira edição mil exemplares, ficando ao arbítrio da Revista o número de exemplares das edições subsequentes; c) a pagar ao autor trinta por cento (30%) dos lucros líquidos, a medida que as livrarias revendedoras forem liquidando as suas contas; d) a justificar ao autor o custo da obra; e) a fazer a propaganda do livro, difundindo-o na medida do possível.

2) O autor obriga-se a não publicar outra edição do mesmo livro na vigência deste contrato.

E como assim convencionaram o presente, lavrado em duplicata.
Niterói, 25 de julho de 1919
Francisco José de Oliveira Vianna
Jose Bento Monteiro Lobato"

Se considerarmos as condições da época, o contrato era bastante favorável ao autor. Num momento em que as edições se contavam as centenas, Lobato propunha a Vianna uma primeira edição, de seu livro de estréia, de mil exemplares. Num mercado editorial onde uma taxa de dez por cento de direitos autorais era visto como um grande negócio para o autor, Lobato sugeria a Vianna, 30%³⁷.

37 Laurence Hallewell, em *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo, Edusp, 1985, afirma que pagar seus autores generosamente para os padrões da época foi uma prática comum a Monteiro Lobato. Segundo ele, "parece ter sido de dez por cento a taxa de direitos autorais que ele normalmente pagava, mas muitas vezes essa porcentagem era maior" (p. 247). Vianna parece ter sido um dos autores nos quais Lobato acreditava poder investir mais.

EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

	ANT.	NOV.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato	4000	4000
URUPÊS, contos por Monteiro Lobato, 6. ^a edição	4000	4000
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 7. ^a edição	4000	4000
IDÉAS DE JECA TATU, contos por Monteiro Lobato, 2. ^a edição	4000	4000
POPULAÇÕES MEXIQUENHAS DO BRAZIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna	10000	10000
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vas, 8. ^a edição	4000	4000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romances por Lara Barbosa	3000	-
LIVRO DE HORAS SOB O DOLCINHO, poemas por Guilherme de Almeida	5000	-
ALMA CABOCLA, romance de Paulo Retamal, 2. ^a edição	3000	4000
DIAS DE GUERRA E DE NERTÃO, impressione narrativa pelo Visconde de Taubay	4000	4000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilário Taveiro	4000	-
BRASIL COM S OU COM Z, por E. Assis (Intera)	3000	-
VIDA OCIOSA, romances por Rodolpho Bayona	4000	4000
DE CABOCLA, romão por Valdomiro Silveira	4000	4000
HISTÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA, por Viriato Cordeiro	4000	4000
O MYSTERIO por Afrânio Penteado, Com Léo Netto, Mendonça Albuquerque e Viriato Cordeiro	4000	4000

PREÇOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}

CAIXA S. P. A.
S. PAULO



Preços para a assinatura, com 10 % para a parte de lucro.

Lobato era um editor diferente. Além de promover uma verdadeira revolução editorial investindo com maior rigor na melhora do padrão gráfico dos livros, ele criou uma cadeia de vendedores espalhados pelo país e distribuía, a título de divulgação, exemplares dos livros editados por ele para a pequena imprensa das cidades do interior.

Monteiro Lobato cumpria com enorme eficiência a funções de editor, cabendo a ele realizar todas as etapas para a publicação e comercialização dos livros. Ao se referir aos editores, Chartier afirma que são eles que se encarregam de reunir o conjunto de atitudes necessárias à publicação de um livro:

“(...) escolha do texto, escolha do formato, escolha em um certo sentido de um mercado por meio da publicidade e da difusão, o que significa que o editor desempenha um papel central para unificar todos os processos que fazem de um texto um livro”³⁸.

A habilidade de Lobato no cumprimento destas tarefas logo transformou sua editora numa empresa promissora, o que lhe permitia correr o risco de publicar novos autores ainda inéditos.

Ao ser lançado, o livro de Vianna era o mais caro do catálogo das “Edições da Revista do Brasil”. O preço pode ter sido determinado por causa dos termos do contrato assinado com o autor, mas talvez também, a causa estivesse relacionada ao seu público leitor. Em carta a Vianna tratando de um de seus livros, Lobato escreve:

“Hoje (...) é impossível ter o livro barato (...) Além disso, é um engano supor que um livro como o teu a preços populares, sai mais. Isso se dá em países onde o povo lê. Aqui só a elite lê (grifo dele). Já fiz a experiência em várias obras e verifiquei que não há público para o livro em papel vagabundo”.

Apesar do preço e a despeito dos estreitos limites do mercado editorial brasileiro naquele momento, o livro de Vianna representou um bom negócio para Lobato visto que ele foi muito bem recebido pela crítica especializada da época, o que resultou numa segunda edição, em 1922, pela Monteiro Lobato & Cia³⁹.

Antes mesmo desta segunda edição, Monteiro Lobato havia publicado um outro livro de Vianna, *Pequenos estudos de psicologia social*, lançado em 1921.

No início dos anos 20, os negócios de Lobato na editora iam muito bem levando-o a endividar-se com a importação de novas máquinas. Ele não contava que acontecimentos adversos o surpreenderiam. Em 1924, a revolta dos tenentes em São Paulo paralisou as atividades da empresa por dois meses, o que o fez acumular um grande prejuízo. Um ano depois, em junho de 1925, uma grande seca castigou São Paulo, levando ao corte da energia elétrica fornecida pela Light e novas perdas para a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato⁴⁰.

Com tantos contratemplos e prejuízos, Lobato foi obrigado a reque-

38 Roger Chartier. *Cultura escrita. literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 50.

39 Em meados de 1920, Monteiro Lobato havia reorganizado a editora associando-se a Octalles Marcondes Ferreira e constituindo uma nova sociedade que passou a denominar-se Monteiro Lobato & Cia.

40 Sobre o endividamento de Lobato, ver: Alice Mitika Koshiyama. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo, T. A. Queiroz editor 1982 e Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sachet-ta. *Monteiro Lobato: furacão na Betocundia*. São Paulo, Editora Senac de São Paulo, 1998.

rer, em 24 de julho de 1925, a falência da empresa. Mas esta atitude não significou para ele o abandono do mercado editorial. Em agosto mesmo, ele escreveria a Godofredo Rangel:

"Pensamos em propor concordata com 50%, mas eu torço pela liquidação. (...) Havendo liquidação, lançaremos sem demora a Companhia Editora Nacional, pequenininha, com o capital de 50 contos em dinheiro e 2.000 em experiência e em poucos anos ficaremos ainda maiores que o arranha-céu que desabou"⁴¹.

Assim, no dia 15 de setembro de 1925, nascia, no Rio de Janeiro, a Companhia Editora Nacional, com sede na rua Senador Dantas, n. 105.

A Companhia Editora Nacional ocuparia um importante papel na trajetória editorial de Oliveira Vianna. Seu primeiro livro lançado por esta editora, em 1930, foi *Problemas de política objetiva*, uma coletânea de artigos publicados nos jornais O País, Correio da Manhã, O Jornal, O Estado de São Paulo e Correio Paulista, entre 1918 e 1928.

Embora este tenha sido um importante livro na trajetória editorial de Vianna, a sua relação com a Companhia Editora Nacional não foi determinada pelo lançamento de obras isoladas como esta, mas, ao contrário, pela sistemática reedição de suas obras na coleção *Brasiliana* criada por esta editora, em 1931.

Vianna na Brasiliana: O Brasil em Revista

A maior parte dos livros publicados por Oliveira Vianna durante os anos 20 foi reeditada, durante os anos 30, pela coleção *Brasiliana*, considerada uma das mais importantes coleções já publicadas no Brasil.

Criada pela Companhia Editora Nacional a partir de 1931, esta coleção tinha como principal objetivo valorizar a cultura nacional e divulgar o trabalho de intelectuais brasileiros e/ou estrangeiros sobre o Brasil.

A literatura especializada é unânime em considerar os anos 30 como um momento de significativas mudanças no que diz respeito ao mercado editorial: maiores tiragens, novas estratégias de distribuição, edições mais bem acabadas e melhor remuneração dos autores através do pagamento de maiores quantias pelos direitos autorais.

A *Brasiliana*⁴² foi a primeira das coleções de estudos brasileiros publicada no país. Seu sucesso acabou criando um modelo e impondo um

41 Monteiro Lobato. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

42 Sobre as coleções de assuntos brasileiros publicadas nos anos 20, 30 e 40, ver o importante estudo de Heloisa Pontes, "Retratos do Brasil: editores, editoras e "Coleções Brasiliana" nas décadas de 30, 40 e 50" in: Sérgio Miceli (org.). *História da Ciências Sociais no Brasil*. (vol. 1). São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, IDESP, 1989. P. 359-483.

estilo de coleções caracterizadas por aglutinarem interpretações do Brasil. Durante os anos 30, 40 e 50, a Difusão Européia do Livro, a Civilização Brasileira, a Livraria José Olympio e a Livraria Editora Martins dedicaram-se à organização de outras coleções semelhantes: a Corpo e Alma do Brasil, a Retratos do Brasil, a Documentos Brasileiros e a Biblioteca Histórica Brasileira, que visavam estudar a realidade brasileira desvendando, mapeando e caracterizando seus múltiplos aspectos. Gustavo Sora, em seu estudo sobre as Brasilianas afirma que esta palavra baliza a história do livro no Brasil. Segundo ele, a palavra Brasiliana

“indica o princípio mais poderoso para organizar coleções com aqueles livros que devem ser lidos para conhecer o Brasil, algo como uma coleção metafórica do país, onde um leitor forâneo, por exemplo, possa de um só golpe de vista ter toda a cultura nacional ao seu alcance.”⁴³

A primeira coleção Brasiliana, criada em 1931, fazia parte de um projeto editorial mais complexo, lançado pela Companhia Editora Nacional, que se intitulava *Biblioteca Pedagógica Brasileira (BNP)*⁴⁴. Essa coleção, organizada por Fernando de Azevedo, subdividia-se em cinco séries, Literatura Infantil, Atualidades Pedagógicas, Livros Didáticos, Iniciação Científica e Brasiliana.

Organizar uma coleção significa criar uma estratégia para o estabelecimento de uma identidade editorial determinada pela escolha dos textos, pelos autores eleitos e pela apresentação gráfica. Os livros passam a fazer parte de uma totalidade que possui um sentido comum. O surgimento desta coleção marcou significativamente o mercado editorial brasileiro.

A seleção dos textos e autores incluídos na coleção *Brasiliana* obedeceu ao critério de encontrar ensaios que popularizassem a interpretação da história e da realidade nacional. Neste sentido, a reedição da obra de autores já consagrados e dos relatos de viajantes balizava a seleção realizada para a coleção.

Entre 1930 e 1940, nos dez primeiros anos de sua publicação, a coleção Brasiliana editou cerca de 200 títulos distintos, de vários autores diferentes e as análises historiográficas, ocuparam, nesse período, uma posição destacada. Segundo Heloisa Pontes,

43 Gustavo Sora. *Brasilianas. A casa José Olympio e a situação do livro nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS Museu Nacional, 1998. p. 16.

44 *Até o volume 304 (de 1968) a Brasiliana fez parte da coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. A partir daí, ela passou a constituir-se numa coleção independente.*

"o que se explica pelo movimento de "redescoberta" do país, produzido em grande parte pelo pensamento social da época que reintroduziu, a partir de novas chaves analíticas e políticas, o debate sobre a questão da cultura e da identidade nacional. "45

Os critérios de seleção das obras para compor a coleção podem ser observados no material de divulgação da quarta edição do livro de Oliveira Vianna, *Populações Meridionais do Brasil*. No momento de lançamento deste livro na coleção *Brasiliana*, o jornal *A Gazeta*, de São Paulo, publicou um artigo onde se lia:

"Eis um livro que pode ser apontado sem favor algum, entre os mais notáveis publicados no Brasil, nestes últimos vinte anos. O seu aparecimento, acolhido com entusiasmo pela crítica, veio marcar nova era em nossos estudos históricos que passaram, desde então, a obedecer os mais modernos métodos científicos. Nesta obra e em outros trabalhos posteriores, Oliveira Vianna e seus discípulos fixaram o verdadeiro sentido da evolução histórica do povo brasileiro. Daí o interesse que "Populações Meridionais do Brasil" continua a despertar entre os nossos estudiosos, a ponto de aparecer agora em 4ª edição, na série "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional".

Assim, acompanhada de intensa propaganda e comentário nos jornais, a coleção *Brasiliana* garantia a seus autores um lugar de destaque entre os intérpretes da história nacional.

Oliveira Vianna foi um dos autores com maior número de livros editados pela *Brasiliana*. Se considerarmos o período compreendido entre 1930 e 1940, ele aparece em terceiro lugar, com quatro livros publicados, precedido apenas de Saint-Hilaire, com sete livros, e Pedro Calmon e Pandiá Calógeras, com seis. Dos sete livros publicados por Oliveira Vianna, durante os anos 20, quatro foram reeditados pela *Brasiliana* nos anos 30, são eles: *Populações Meridionais do Brasil*, São Paulo, Monteiro Lobato e Cia, 1920 (1ª edição) e 3ª edição, *Brasiliana*, 1933; *Evolução do Povo Brasileiro* (publicada na 1ª edição com o título de *O Povo Brasileiro e sua Evolução*). Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1922 e 2ª edição, *Brasiliana*, 1933; *O Idealismo da Constituição*, Rio de Janeiro, Terra do Sol, 1927 (1ª edição) e 2ª edição, *Brasiliana*, 1939; *Raça e assimilação*, São Paulo, 1932 (1ª edição) e 3ª edição, *Brasiliana*, 1934.

45 Heloísa Pontes. *op. cit.* p. 392

Isto demonstra uma boa recepção de sua obra e um percurso que justifica a consideração de que ele se construiu como um dos mais importantes intelectuais desse período. Mais ainda, se considerarmos que o grande momento editorial da *Brasiliiana* foi justamente os anos 30⁴⁶.

Nos anos 40, mais dois títulos de Oliveira Vianna são reeditados pela *Brasiliiana*: *Pequenos estudos de psicologia social*, em 1942, e *Problemas de política objetiva*, em 1947.

Nestes livros, Vianna investigou os fundamentos da organização social e econômica do Brasil a partir da observação da história colonial; percebeu a evolução das instituições políticas; compreendeu o papel desempenhado pelas idéias liberais no movimento de queda do Império e organização do Estado Republicano; analisou os diversos grupos e raças que compunham a sociedade brasileira e traçou um projeto para tirar o Brasil do atraso em que se encontrava.

A inserção de Vianna no catálogo desta coleção significou a entrada deste intelectual no panteão dos autores nacionais e a inclusão de seu nome entre os "(...) verdadeiros leitores do Brasil"⁴⁷. A partir da *Brasiliiana*, os livros de Oliveira Vianna ganharam o *status* de interpretação legítima da realidade nacional e este autor passou a ser lembrado sempre que se tratava de "explicar o Brasil"⁴⁸.

A título de conclusão: Da Revista do Brasil ao Brasil em Revista

Como se buscou demonstrar neste breve artigo, a trajetória editorial de Oliveira Vianna, iniciada na Revista do Brasil, consagrou-se com a inclusão de títulos de sua autoria na coleção *Brasiliiana* nos anos 30 e 40.

A publicação, nesta coleção, dos livros *Populações Meridionais do Brasil* (1933), *Evolução do Povo Brasileiro* (1933), *Raça e Assimilação* (1934), *O Idealismo da Constituição* (1939), *Pequenos estudos de psicologia social* (1942) e *Problemas de política objetiva* (1947), garantiu a consagração intelectual de Oliveira Vianna, bem como lhe permitiu tornar pública sua análise sobre os diversos aspectos da realidade nacional.

A *Revista do Brasil* e a *Brasiliiana*, ambos projetos editoriais de alguma forma ligados a Monteiro Lobato, cumpriram importantes papéis na trajetória editorial de Oliveira Vianna. Se foi a revista que possibilitou a

46 Em seu estudo sobre as coleções de assuntos brasileiros, citado anteriormente, Heloisa Pontes afirma que "A *Brasiliiana*, por exemplo, que conheceu seu boom editorial na década de 30 e meados dos anos 40, (...)". Heloisa Pontes. *op. cit.* p. 386

47 Gustavo Sora. *op. cit.* p. 120

48 Num livro intitulado *Quem explica o Brasil*, Manuel Palácios da Cunha e Melo inclui Oliveira Vianna entre os autores brasileiros obrigatoriamente lidos e estudados em cursos de pós graduação em ciências sociais nas diversas universidades brasileiras. Manuel Palácios da Cunha e Melo. *Quem explica o Brasil*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1999.

Vianna sua estréia no mundo editorial, foi a *Brasiliiana* que permitiu a ele consagrar-se passando o *Brasil em revista*.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Carmem Lucia de, CAMARGOS, Marcia e SACHETTA, Vladmir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo, Editora Senac de São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica" in: Marieta Moraes Ferreira e Janaína Amado. *Uso e abuso da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- HELLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: Edusp, 1985
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1982
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo, Pioneira, 1976 (3ª ed.).
- LIPPI, Lucia. "Uma leitura das leituras de Oliveira Vianna" in: MORAES, João Quartim de e BASTOS, Élide Rugai (orgs). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas, Unicamp, 1993.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo, Brasiliense, 1959.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)Ação*. São Paulo, USP, 1996 (tese de doutorado).
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978.
- MELO, Luis Correia de Melo. *Dicionário dos Autores Paulistas*. São Paulo, Comissão do Centenário da cidade de São Paulo, 1954.
- MELO, Manuel Palácios da Cunha e. *Quem explica o Brasil*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1999.
- MICELI, Sérgio (org.). *História da Ciências Sociais no Brasil*. (vol. 1). São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.
- MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. "De Monteiro Lobato & cia à Companhia Editora Nacional: interesses individuais e construção do sentimento de brasilidade". *Fidalgos do café e livros no Brasil: Monteiro Lobato e a criação das editoras nacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, 1995 (dissertação de mestrado).
- NOIRIEL, Gérard Noiriel, "L'Univers Historique" : une collection d'histoire à travers son paratexte (1970-1993)" *Genèses* 18, janvier 1995.
- OLIVERO, Isabelle. *L'Invention de la collection*. Paris: Éditions de L'IMEC/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1999.
- PONTES, Heloísa. "Retratos do Brasil: editores, editoras e "Coleções Brasiliiana" nas décadas de 30, 40 e 50" in: MICELI, Sérgio (org.). *História da Ciências Sociais no Brasil*. (vol. 1). São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.
- SORA, Gustavo. *Brasiliianas. A casa José Olympio e a instituição do livro nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, 1998.
- TEIXEIRA, Anísio Teixeira. *A Tarde*, 06 de julho de 1948, apud CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato. Vida e obra*. São Paulo, Nacional, 1956, (2 tomos).

Endereço para correspondência:
Rua das Tulipas, 56 casa 02 – Itacoatiara – Niterói - CEP: 24348-130
Telefone: (21) 2608-0751 - e-mail: gmvenancio@yahoo.com